

Introdução

HELENA PIRES, TERESA MORA, ANA FRANCISCA DE AZEVEDO & MIGUEL SOPAS BANDEIRA

Da paisagem enquanto produção científica e tecnológica à paisagem enquanto arte e representação, o jardim surge como instância complexa e folheada. Infraestrutura territorial que remete para os fundamentos de uma história do ambiente para a qual convergem as esferas do público e do privado, o jardim é talvez uma das mais poderosas representações simbólicas que exprime a tentativa de irrupção do sentido moderno do humano, do esforço de banir para as margens os testemunhos de vida selvagem, prova de domesticação. Em sentido lato, o jardim permite perceber as batalhas esgrimidas em torno da terra e da sua posse, configurando a relação entre a natureza e a cultura que impera ainda no período contemporâneo.

Necessariamente associado à natureza, o jardim inscreve-se na arte da paisagem, na medida em que natureza e arte se intertexturam. Admite-se, nomeadamente, que o prazer da contemplação dos jardins poderá derivar da sua associação à pintura paisagista. Muitos jardineiros foram pintores, tais com Monet e Jekyll. Sobre os jardins dizia este último: “planting ground is painting a landscape painting” (Jekyll).

Saturados de memória, os jardins traduzem biografias, corporizam estados de alma íntimos e coletivos. Do fazer à contemplação, da paisagem-jardim de Capability Brown à tradição japonesa Zen, são múltiplas as formas e as ligações que nos jardins se ensaiam.

A presente publicação resulta do Colóquio *Jardins-Jardineiros-Jardinagem*, realizado em maio de 2013, entre os dias 16 e 18, no Museu Nogueira da Silva, organizado pelo projeto de investigação *Paisagens, Cultura e Artes da Contemporaneidade*.¹ Este projeto visa refletir sobre as paisagens na cultura contemporânea, nas suas diversas modalidades de concetualização e abordagem, em vários campos científicos, privilegiando o diálogo entre ciência e arte, através da colaboração com artistas provenientes de várias áreas, nomeadamente, artes visuais, fotografia, arte-vídeo, literatura.²

Em *Jardins-Jardineiros-Jardinagem*, a investigação, a gestão patrimonial, a prática de jardinagem e a expressão artística foram as dimensões abordadas. Neste sentido, abriu-se a reflexão a comunicações de várias áreas disciplinares (literatura, filosofia, história da arte, arquitetura paisagista), convidando-se inclusivamente responsáveis pela gestão do Jardim Botânico do Porto, do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e do Parque de Serralves. Realizou-se também uma oficina de construção de um jardim comestível, e teve lugar uma exposição de desenho a partir da temática da paisagem.

Neste livro, em resultado das comunicações apresentadas, incluem-se artigos³ com perspetivas múltiplas.

¹ Este colóquio surge na sequência de um evento anteriormente realizado, em maio de 2011, também no Museu Nogueira da Silva, designado *Encontro de Paisagens*, que reuniu investigadores e artistas com produção motivada pela experiência estética da paisagem, e de que resultou a publicação de um ebook (Pires, Helena & Mora, Teresa (2012), *Encontro de Paisagens* (http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/encontro_paisagens/issue/current/showToc))

² Foi criado em 2011, no quadro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) e do Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS), ambos da Universidade do Minho.

³ Foi deixado à iniciativa de cada autor seguir ou não o Acordo Ortográfico.

Os dois primeiros artigos abordam a relação entre os jardins e a literatura. Maria do Carmo Cardoso Mendes analisa a importância dos jardins na obra de Agustina Bessa Luís, destacando-os como “lugares com espírito, lugares humanizados que acompanham as personagens”. Orlando Grossegeisse interpreta o romance *Die Leiden des jungen Werther*, de Goethe, considerando o jardim “como lugar que guia a leitura” e defendendo também que este texto constitui um “momento importante na história dos *media* (...) no sentido de fundamentar uma cultura de leitura ao ar livre que reaparece na atualidade”.

Os artigos de Elisa Lessa e Isabel Lopes Cardoso transportam-nos, respetivamente, por um lado, para uma história dos jardins e os seus coretos na vida cultural em Portugal assim como em diversas cidades no mundo (S. Paulo, Macau, Havai) e, por outro, para o papel da horta-jardim na “recriação constante da identidade”, em vários contextos da história da emigração portuguesa (Califórnia, Angola, França).

Ana Duarte Rodrigues apresenta-nos um grupo de pequenos livros destinados aos jardineiros e hortelãos, com informação útil para o cultivo do jardim, que circularam em Portugal entre 1650 e 1850.

Alberto Filipe Araújo interroga-se “E se a educação for um trabalho de jardinagem e de jardineiros?”, abordando a metáfora hortícola no contexto da obra do pedagogo Célestin Freinet.

Laura Castro percorre diferentes modelos da arte na paisagem, do jardim fechado e do pavilhão de escultura ao parque delimitado e ao itinerário aberto, ao longo da segunda metade do século XX e na transição para o século XXI, conduzindo-nos, através de múltiplos exemplos, à ideia de que o “jardim se vai diluindo à medida que tais tipologias se organizam”.

Catarina Schreck Reis e Paulo Renato Trincão traçam a história do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, desde a sua criação, em 1772, descrevendo-nos as diversas intervenções que têm vindo a (re)configurar os espaços e funções deste jardim.

Pedro Nogueira, João Almeida, Raquel Ribeiro, Ana Oliveira, Joana Mexia de Almeida, Sofia Viegas e Elisabete Alves explanam as transformações da paisagem em que se insere o Parque de Serralves, desde a sua idealização por Carlos Alberto Cabral até à atualidade, destacando-se a diversidade biológica, assim como as múltiplas atividades, culturais, artísticas e lúdicas que aí são promovidas.

Carla Braga e Henrique Zamith, defendendo uma “abordagem prática [do jardim] que trabalha com a Natureza e não contra ela”, apresentam-nos uma conceção de jardim enquadrada pela filosofia da permacultura. Em articulação com esta proposta, realizaram no Museu Nogueira da Silva uma oficina de construção de um jardim comestível onde os participantes no colóquio, bem como o público em geral, foram convidados a experimentar no terreno os princípios da permacultura. Neste ebook inclui-se uma ilustração fotográfica da oficina, precedida por alguns materiais de apoio.

No âmbito do Colóquio *Jardins-Jardineiros-Jardinagem*, a exposição de Rosário Forjaz decorreu em dois espaços do Museu Nogueira da Silva: a casa-museu e a casa-jardim contígua ao Espaço Maria Ondina Braga. Esta exposição de desenhos inspirou-se na escultura *Appolo e Daphne*, integrada no jardim do Museu. A inauguração da exposição foi precedida por “*Daphne*: Luís Filipe Rodrigues em conversa com Rosário Forjaz”, gravada em áudio e agora transcrita nesta publicação que conta também com um artigo de reflexão do mesmo autor.

Cumpre, ainda, deixar aqui um agradecimento especial ao Museu Nogueira da Silva que desde o início deste projeto já colaborou em duas das suas iniciativas, prestando um apoio e encorajamento inestimáveis.

Braga, 13 de fevereiro de 2014